1.º anno | Lisboa, de 10 novembro de 1884 | Numero 20

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

Á SOMBRA DAS OLAIAS (Quadro de Karl Fröschl)

CHRONICA

Foi-se a Judic.

Disse-nos o adeus da despedida em portuguez mais ou menos correcto, por musica, n'um estylo de *petenera*, promettendo que ia aprender o idioma de Camões para poder cantar o fado quando outra vez cá voltasse.

Simples promessas d'artista, que a commoção inspirada pelos applausos provoca, mas que se desfazem, como um sonho, ao transpôr as fronteiras, que se evolam fugazes, transformando-se —quem sabe!—n'um meio sorriso de desdem.

E' possivel que Judic volte, com mais uma pontinha de adiposo e alguns cabellos brancos á mistura. Que aprenda o portuguez, duvidamol-o.

E de resto, será bem melhor que se não consagre a esses estudos linguisticos. Ignorando o idioma da nossa Parvonia, não terá occasião de verificar o que por ahi se rouba á litteratura da sua patria, e de saber como os jornalistas portuguezes costumam descompor-se nas pugnas diarias da imprensa.

Se foi formando de nós uma idéa lisongeira, se acaso a nossa exterioridade lhe agradou, não desfaça as boas illusões da primeira visita a Lisboa, desvendando os segredos do idioma lusitano.

Deixe-se d'isso, e continue a suppor-nos o povo mais civilisado do mundo. Conte aos chronistas do *Figaro* o que por cá lhe fizeram, mas não procure conhecer a fundo o que entre nós se diz e se escreve. Seria perigosa e cruel a desillusão: dissipar-se-ia, talvez, o encantamento do primeiro *abord*.

*

Foi enthusiastica a ovação feita á formosa rainha do *vaudeville* na ultima noite da sua estada em Lisboa.

As folhas diarias registraram já esses enthusiasmos de *cliché*, manifestados da mesma fórma para com a Sarah Bernhardt, a Paladini, a Marini, a de Reszké e a Pasqua.

Um *sportman* muito conhecido pelas suas bizarrias fidalgas e que leva todo o anno a sonhar com a vinda de qualquer artista illustre para lhe fazer uma manifestação ruidosa, não quiz que Anna Judic nos deixasse sem saborear as delicias experimentadas por outras rainhas e princezas da Arte.

Quando a *diva* sahia do theatro para recolher aos seus aposentos luxuosos do Hotel *Braganza*, estava já preparada, em frente da Trindade, a mesma *mise-en-scène* que serviu na apotheose da Pasqua: uma carruagem tirada a quatro, com bellos cocheiros de librés espaventosas; *marche aux flambeaux*, bandas marciaes, cavalleiros montando ginetes de boa estampa, muito vivorio, muita algazarra, muito povoléo curioso a acotovelar-se.

E' a manifestação da tabella, para as grandes solemnidades. Não tem variantes nem modificações conhecidas. Ou se festeje o talento d'uma tragica *di cartello*, ou se victorie o merito d'uma *prima-donna* illustre, ou se applauda a graciosidade d'uma *chanteuse* notavel, ha de vir sempre a mesma carruagem de gala com flaccidos coxins de seda e veludo, hão de apparecer fatalmente os mesmos cavalleiros, as mesmas musicas, os mesmos garotos empunhando archotes d'onde se desprende uma fumarada asphixiante.

E' do estylo.

Os madrilenos são mais praticos nas suas manifestações, embora não sejam tão expansivos. Para não perderem o costume de tratar todos os assumptos á meza dos *restaurants*, obsequiaram Judic offerecendo-lhe um jantar a quarenta duros por cabeça. A imprensa fez-se representar no banquete; houve discursos; os prosadores fizeram rhetorica; os poetas deitaram trovas, e a formosa *Nitouche* poude, ao mesmo tempo, apreciar a cozinha e a litteratura hespanholas.

Aquillo comprehende-se; deixa impressões boas no espirito e no paladar; consola, d'uma assentada, o estomago e a vaidade, os orgãos digestivos e o ouvido.

O que se lhe fez entre nós prova, quando muito, que temos bons trens e bons cavallos de raça. E' uma festa da tabella, circumscripta ao nosso pequenino mundo do *sport*, a que se associam os *gavroches* descalços, fazendo uma berrata insupportavel e atroadora.

Emfim, pode ser que a apotheose lhe agradasse. Tanto melhor para ella e para nós, se tal succedeu.

=Por cada noite de S. Carlos uma opera nova. Já tiveramos o *Rei de Lahore*, temos agora a *Dinorah* cantada por Zina Dalty e Sparapani, dois artistas notaveis.

Depois da *Dinorah*, o *Fausto*; em seguida a Meyerbeer, Gounod: musica para todos os paladares, operas para todos os gostos, cantores para todos os *dilettanti*... promessas risonhas d'uma época lyrica verdadeiramente extraordinaria, com um punhado d'artistas distinctos a passar em revista diante de nós, e um *bouquet* de bellos *spartitos* a perfumarem-nos a quadra tristonha e desflorida do inverno.

Pena é que, n'aquelle paraizo de S. Carlos, (fallamos do paraizo da scena) haja uma nota discordante... a corista gorda.

=Em D. Maria tivemos, na quinta feira, o *Ruy Blas*, traducção esmerada de Bulhão Pato, poeta illustre e prosador vernaculo como não conhecemos muitos.

A peça é um assombro de *mise-en-scène* e um mimo de boa litteratura portugueza. Se por isto nos agradou, e muito, outro tanto não podemos dizer do seu desempenho, que foi desegual. Nem Virginia nem Brasão nem Falco nem Antonio Pedro se nos revelaram a toda a altura dos seus robustos talentos artisticos.

Em todo o caso, o bello drama de Victor Hugo foi recebido com applausos calorosos na primeira noite, o que não quer dizer que se conserve por largo tempo em scena. E' peça para ser vista por gente escolhida, e não prende a attenção do publico menos illustrado, esse publico refractario ás coisas d'arte, que foge de D. Maria e de S. Carlos para ir ver as *ecuyères* ou os elephantes ao Colyseu.

O Gymnasio... o Gymnasio não nos dá, por emquanto, coisa que se applauda enthusiasticamente. Promette-nos *La Glu*, de Richepin, para beneficio de Eloy, e acena-nos, d'um modo muito vago, com varias *chansonnettes* cantadas por Lucinda do Carmo.

=Passando dos theatros para o militarismo, por uma evolução ex-abrupto, cumpre-me deixar aqui exarado que se reformou o exercito.

Essa reforma trouxe comsigo, a mais, a creação de varios corpos d'infanteria, cavallaria e artilheria, e a menos, as barbas venerandas dos porta-machados, que nós ahi viamos, de quando em quando, á frente das procissões e dos cyrios indigenas.

Augmentou-se a milicia e poz-se um *veto* ás exuberancias capillares d'aquelles respeitaveis membros da força publica.

As barbas representavam um accrescimo de pezo no equipamento militar, e a mobilidade dos exercitos exigia imperiosamente a sua eliminação.

Uma lagrima sobre a cara rapada dos porta-machados extinctos, e o nosso parabem aos figaros da tropa, beneficiados pela nova reforma.

C. Dantas.

QUINZE DIAS NA HOLLANDA

II

Chamam a Amsterdam a Veneza do Norte, mas é incontestavelmente uma Veneza prosaica, ou uma Veneza pelo menos com a poesia que pode encontrar-se na vida mercantil e industrial elevada a uma alta potencia. Veneza, a Veneza verdadeira, mira nas aguas do Rialto os seus palacios de marmore, revê-se nas suas gondolas que deslisam silenciosamente nas lagunas, recorda com saudade os tempos gloriosos e pittorescos do Bucentauro e dos doges. Amsterdam nem tem palacios de marmore, nem elles se miram nas aguas dos canaes, porque os caes que os separam do mar são espaçosos, nem mette a sua população em gondolas silenciosas; tem carruagens que a transportam de um para outro lado pelos caes, e pelas pontes que bastam para todo o movimento da importante cidade, pontes de todos os systemas e de todos os feitios, pontes que se abrem para deixarem passar os navios, pontes que se levantam para o mesmo effeito, e todo este movimento, todas estas maravilhas da sciencia e da industria moderna, dão á cidade de Amsterdam um aspecto de certo bem diverso do que tem a cidade das lagunas. Amsterdam não é pois bem a Veneza do Norte, é a Veneza contemporanea. A outra é a cidade de capa e espada que guarda as tradições d'aquelle velho commercio aristocratico do seculo XVI, em que os negociantes não eram mais do que uns guerreiros que mercadejavam, e que empregavam os seus haveres em palacios sumptuosos, em maravilhas artisticas. Amsterdam é a cidade de frac e chapeu baixo, que faz o commercio á moderna, empregando o dinheiro em construir pontes gigantes, que economisem tempo e tornem possiveis e faceis novos lucros.

Contrastando de um modo notavel com a altiva Amsterdam, apparece Leyde, onde o nosso viajante parou ao regressar da capital da Hollanda.

«O' formosa Leyde! escreve elle, ó patria do propheta, que tantas vezes temos applaudido em S. Carlos! ó doce remanso do estudo e da meditação, como tu nos appareceste encantadora, tranquilla e ridente como um sonho phantastico, mirando-te garrida nos teus innumeros e limpidos canaes! orgulhosa das tuas pontes de ferro! assombrada pelas frondosas arvores que bordam as tuas largas e tranquillas ruas! que adornam as tuas poeticas avenidas! recebendo o tributo do Rheno, que, perdida a altivez, vem manso beijar-te a fimbria verde dos tapetes de relva, matizados de flores, onde repousas os pés como uma sultana mollemente recostada no abstracto scismar de varias cogitações.

«Leide ou Leiden como escrevem os hollandezes, ou Leyde se-

gundo a orthographia franceza determinada pela necessidade de evitar o diphtongo, é a cidade sagrada da sciencia, que pela doce serenidade das suas ruas sem bulicio, pela sombra melancolica das suas arvores rumorejantes, pelo sussurro suavissimo das suas correntes de agua, que a faina industrial agita com o bater compassado e monotono dos remos, convida á meditação e ao estudo, fazendo-nos lembrar, n'um capricho de phantasia, a nossa formosissima Coimbra, que mãos de gigantes houveram mettido n'uma prensa colossal para a tornar plana afim de que não desdissesse da harmonia geral d'aquelle paiz em que o terreno só ousa desnivellar-se... para ficar mais baixo do que a superficie das aguas!»

Parece que na Hollanda está tudo naturalmente tão regrado e ordenado que até as differentes cidades tomaram cada uma a sua especialidade, sendo Amsterdam a cidade da industria e do commercio, Leyde a cidade de estudo e de sciencia, Haya a cidade da côrte e da diplomacia. O caminho de ferro que liga Amsterdam com a Belgica, passa por Haarlem, Leyde, e Haya. N'esta ultima cidade parou tambem o nosso viajante, para admirar as obras primas do seu museu, a belleza do bosque, que constitue as portas da Haya o mais encantador dos passeios, e para ir ali perto, a Scheveningue, ver o mar do Norte, e formar idéa do que é uma praia de banhos na Hollanda, com as suas barracas de madeira, que, em vez de esperarem sobre a areia que os banhistas venham, escorrendo em agua, vestir o fato enxuto, entram, graças ás suas rodas, pelo mar dentro, e vão levar os banhistas ao seio das ondas.

Não repetiremos o que diz Cunha Bellem dos museus de bellas-artes, onde resplandecem as obras primas da esplendida escola hollandeza, onde ao lado dos quadros de Rembrandt se ostentam as paisagens magnificas de Paulo Potter. Não fallaremos ainda, porque tambem Cunha Bellem passa rapidamente por esse assumpto que não poude estudar com demora, no elemento judaico-portuguez ainda existente na Hollanda. Na synagoga de Amsterdam teve Cunha Bellem o prazer de ler inscripções portuguezas, e entre os medicos hollandezes mais distinctos que assistiam ao congresso figurava um com o nome portuguez de Teixeira de Mattos, já tão adulterado na pronuncia, que Cunha Bellem só o reconheceu como um nome de compatriota, quando o viu escripto.

Mas sobre tudo o que impressionou na Hollanda o nosso viajante foi aquelle aceio escrupuloso e levado a extremos inexcediveis que caracterisa o paiz, foram tambem as altas qualidades civicas dos Hollandezes que, como todos os povos sinceramente liberaes, sabem tanto manter os seus direitos como cumprir os seus deveres. Ha d'essa dupla qualidade no livro de Cunha Bellem dois exemplos frizantes: A municipalidade de Amsterdam prohibiu uma feira com grande desagrado da população. O que fizeram? Um rico proprietario hollandez abrio o seu parque e fez a feira lá dentro. Nem um policia lá entrou. O responsavel pela ordem era o dono da quinta. Em quanto não pedisse auxilio, nenhuma authoridade ousaria violar-lhe a residencia. Por outro lado, na Haya, viu Cunha Bellem uma densa multidão parar com todo o respeito diante de uma divisoria insignificante, para alem da qual era prohibido passar. Não estava nem um só policia para obrigar os cidadãos a não transgredirem a ordem. Não era necessario. Era uma ordem legal. Todos a cumpriram sem hesitação.

Por estes exemplos e por tudo que temos dito d'este livrinho, verão os nossos leitores que Cunha Bellem soube observar, estudar e comparar, dando-nos n'esse formosissimo livro, em vez da copia mais ou menos rhetorica de um guia de viajante, a sua impressão pessoal, unico modo por que os livros de viagem podem, como este, captivar profundamente a attenção dos leitores.

PINHEIRO CHAGAS.

VELUT UMBRA

Branca sombra dos sonhos vaporosos
Em que a alma nada em luz, sem que no espaço
Descubra árida praia, o negro traço
Da terra, dos abysmos tenebrosos

Aonde voaste, ó pomba dos saudosos
Devaneios do amor, alvo regaço
Da flor da primavera, ethereo laço
Da terra ao ceu nos extasis radiosos?

Fugiste, como a sombra, alvéola linda,
E no peito dos tristes vaga ainda
Um perfume de essencias ineffaveis...

E' que tu, divindade infame e forte,
Rasgas o coração até á morte,
E ris do pranto vil dos miseraveis.

GUIMARÃES FONSECA.

VOTO FATAL

(CATULLE MENDÈS)

Pés descalços, cabellos ao vento, um vagabundo passou pela estrada que defrontava com o palacio do rei.

O vagabundo era uma creança encantadora, com os seus cabellos loiros soltos em anneis, os seus grandes olhos negros e a bocca fresca e humida, como uma rosa depois da chuva; como se o sol exultasse ao fital-o, havia nos seus farrapos mais luz e alegria do que nos setins, velludos e brocados dos fidalgos e nobres damas, agrupados no pateo de honra.

—Oh! como ella é bonita! exclamou o pobresinho, parando de repente.

Acabava de avistar a princeza Rosalinda, que tomava o fresco, á janella: na realidade, era impossivel encontrar na terra uma pessoa mais bonita do que a filha do rei.

Immovel, os braços erguidos para a janella como para uma abertura do céo, atravez da qual se avistasse o paraiso, o vagabundo teria ficado parado na estrada toda a tarde, se um guarda não o houvesse mandado retirar.

O infeliz afastou-se, de cabeça baixa. Parecia-lhe agora que tudo escurecera em torno d'elle, o horisonte, a estrada, as arvores; ao deixar de ver Rosalinda, afigurou-se-lhe que o sol se apagára. Assentou-se debaixo de uma arvore, na extremidade do bosque, e desatou a chorar.

—Porque é que choras, meu filho? perguntou uma velha, que sahia do bosque, trazendo um feixe de lenha ás costas.

—De que serviria dizer-lh'o, boa mulher, se a senhora não póde remediar os meus males?

—Talvez te enganes, volveu a velha.

Ao mesmo tempo ergueu-se, atirando fóra o feixe de lenha: não era uma velha, era uma fada, bella como o dia, os cabellos cravejados de pedrarias.

—Oh! senhora fada, exclamou o vagabundo, prostrando-se de joelhos, compadeça-se do meu infortunio. Desde que vi a filha do rei, que tomava o fresco á janella, o meu coração não me pertence, e sinto que nunca poderei amar outra mulher.

—Não acho muito grande a tua desgraça.

—Não conheço outra maior. Se não conseguir casar com a princeza, morrerei!

—Podes conseguil-o. Rosalinda não tem noivo.

—Oh! sr.ª fada, olhe para os meus farrapos, para os meus pés descalços; sou um pobre rapaz; vivo de esmolas!

—Não importa! não póde nunca deixar de ser amado aquelle que ama sinceramente; é a eterna lei. O rei e a rainha desprezar-te-hão, os cortezãos escarnecer-te-hão, mas se o teu amor for verdadeiro, Rosalinda commover-se-ha com as tuas supplicas, com as tuas lagrimas, com a tua dedicação, e no momento em que, expulso pelos lacaios, mordido pelos cães, tu fugires, chorando, ella irá, palpitante e feliz, offerecer-te a sua face branca e pura como os lyrios.

A creança sacudiu a cabeça, não acreditando na possibilidade de um tal milagre.

—Toma sentido! replicou a fada; o amor não gosta que se duvide do seu poder, e castiga inexoravelmente os incredulos. Entretanto, visto que soffres, quero auxiliar-te. Faze um voto e realisal-o-hei.

—Desejaria ser o principe mais poderoso da terra, a fim de desposar a princeza que adoro.

—Porque não preferes antes ir cantar uma canção de amor debaixo da sua janella? Emfim, visto que prometti, far-se-ha a tua vontade. Mas devo advertir-te de uma cousa: quando tiveres deixado de ser o que és, nenhum genio, nenhuma fada, nem mesmo eu, poderá restituir-te ao teu primitivo estado; logo que sejas principe, sel-o-has para sempre.

—Pois acredita que o real esposo da princeza Rosalinda possa alguma vez appetecer ir mendigar o pão pelas estradas?

—Desejo que sejas feliz, volveu a fada suspirando.

Em seguida, tocou-lhe no hombro com uma varinha de oiro; em uma brusca metamorphose, o vagabundo appareceu transformado em um opulento principe, deslumbrante de seda e joias, cavalgando um soberbo cavallo, á frente de um luzido sequito de guerreiros, revestidos de armaduras de oiro, que brilhavam ao sol.

II

Um tão poderoso principe não podia deixar de ser bem recebido na côrte; durante uma semana houve em sua honra cavalhadas, bailes, todas as festas que se podiam imaginar. Mas esses divertimentos não preoccupavam o principe. O seu constante pensamento, noite e dia, era Rosalinda; quando a via sentia o coração tresbordar de delicias; quando a ouvia fallar afigurava-se-lhe escutar uma musica divina.

Uma só coisa o entristecia: aquella que amava não parecia corresponder aos extremos de que elle a cercava; permanecia quasi sempre calada e melancolica. Nem por isso renunciou ao projecto de a pedir em casamento; como era de presumir, o rei e

ENLEVOS DE MÃE (Quadro de H. Bachmann

NOS PYRINEOS—A CHEGADA DA DILIGENCIA

(Quadro de M. Bridgmann)

UM SAPATEIRO D'ESCADA (Quadro de A. Rotta)

a rainha acolheram com alvoroço o pedido do principe. Assim, pois, o miseravel vagabundo ia possuir a mais formosa princeza do universo!

Uma tão extraordinaria felicidade perturbou-o, a ponto de corresponder ao consentimento do monarcha com gestos estravagantes, pouco compativeis com a solemnidade da sua jerarchia.

A alegria do pobre namorado tinha de ser de curta duração.

Logo que a informaram da vontade paterna, Rosalinda caiu semi morta nos braços das suas damas; quando recobrou os sentidos, a princeza exclamou, lavada em lagrimas, que não queria casar, que morreria se a obrigassem a desposar o principe.

III

Doido de dor, o desgraçado, infringindo todos os preceitos da etiqueta, entrou no quarto para onde tinham transportado a princeza, e arrastando-se aos seus pés, exclamou:

—Cruel, tenha dó de mim, retire as palavras que me assassinam!

—Principe, a minha resolução é inabalavel; não casarei com Vossa Alteza.

—E assim despedaça um coração que lhe pertence! Que crime commetti para merecer um tal castigo? Duvida do meu amor? Receia que a minha adoração não seja sempre a mesma? Ah! se podesse ler na minha alma, não teria nem essa duvida, nem esses receios. A minha paixão é tão ardente que me torna digno da sua incomparavel formosura. Se a princeza não se deixar commover pelas minhas supplicas, só me resta morrer! Restitua-me a esperança, princeza, ou morrerei aos seus pés.

O principe disse tudo quanto a dor mais violenta póde inspirar a um coração apaixonado.

—Infeliz principe, volveu Rosalinda, commovida, se a minha piedade suavisa a sua dòr, creia que a experimento. Lastimo-o tanto mais, quanto eu propria soffro o tormento que o dilacera.

—Que quer dizer, princeza?

—Se recuso o coração que me offerece, é porque tambem amo sem esperança um vagabundo, que passou um dia com os pés descalços e os cabellos ao vento, defronte do palacio de meu pae, que me contemplou, e nunca mais voltou!

Esmeralda.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

João Caetano de Oliveira.—Tal carta não recebemos, e de taes versos não ha, n'esta redacção, a mais leve noticia.

E' provavel que a falta seja do correio. O serviço postal tem ás vezes d'estas irregularidades verdadeiramente providencias, que nos livram de perder tempo na leitura de versos detestaveis e d'epistolas menos correctas.

A. M. de Meyrelles.—Não estão no caso de ser publicadas, o que sentimos.

Tom Pouce.

Recebemos a seguinte carta:

«A *Illustração* de 20 do passado, publicando a solução do problema algebrico proposto em o numero antecedente, diz que Pedro empregou 10 e Paulo 15 horas na viagem.

Deve ser extremamente engenhoso o calculo que conduziu á solução, attendendo ao limitado numero de dados fornecidos pelo enunciado. Segundo este, apenas se sabe que Pedro e Paulo caminharam, o 1.º em 4 e o 2.º em 9 horas, duas distancias *desconhecidas!*

Determinar, só com o auxilio de taes elementos, qual o tempo empregado por cada um dos caminhantes em fazer a sua viagem, sem que ao menos exista uma relação conhecida entre as respectivas velocidades, com tão deficientes auxiliares, repetimos, deve ser tarefa ardua e altamente engenhosa a resolução do problema, que, no meio da nossa ignorancia, se nos affigura caminhar nas trevas, sem guia, por entre barrancos e sem ter ao menos uma caixinha de phosphoros do José Osti. E é com o louvavel intuito d'aprender que ousamos pedir a publicação do precioso calculo, certos de que nos não será negada, porque d'ella resultam para nós, e para a maioria dos leitores, uma proveitosa lição, para o pae da creança, dizemos, para o auctor, a satisfação de ter practicado uma obra de misericordia, e para os restantes leitores a perda sera insignificante, visto que a inserção que pedimos só lhes roubará algum espaço da secção.

Ema Duro.»

*
* *

Sentimos ter que incommodar os leitores da *Illustração Portugueza* com a solução do problema proposto no n.º 13 d'esta publicação. Não podemos, porém, deixar de o fazer, depois da carta supra, cujo author julgou termos sido mesquinhos no numero de condições do referido problema, tornando-o assim de nulla solução.

Diz elle, na sua interessante epistola, que nem ao menos é conhecida a relação das velocidades dos dois moveis. Permitta que lhe digamos que tal relação está implicita no enunciado do problema, como lhe vamos mostrar.

Seja AB a distancia a percorrer, e *C* o ponto do encontro. Representemos por *V* a velocidade de Pedro, que suppomos partir de A, e por V' a de Paulo, que parte por tanto de B.

A . . . . C . . . . B

Tem-se pois

$$CB = 4V \quad AC = 9V'$$

Mas, como se encontraram em *C*, Pedro andou AC no mesmo tempo que Paulo precisou para andar CB. Sendo pois *t* este tempo commum, será

$$AC = Vt \text{ e } CB = V't$$

Logo

$$9V' = Vt \qquad 4V = V't$$

Dividindo estas egualdades ordenadamente vem:

$$\frac{9V'}{4V} = \frac{V}{V'} \quad \text{ou} \quad \frac{9}{4} = \frac{V^2}{V'^2} \quad \text{e finalmente} \quad \frac{V}{V'} = \frac{3}{2}$$

Não precisamos, pois, de *caixinhas de phosphoros* para resolver a terrivel difficuldade de achar a relação das duas velocidades.

Continuemos já agora com esta *ardua* tarefa.

Pedro precisou, para andar AC, evidentemente $\frac{2}{3}$ do tempo que Paulo necessitou para andar esta distancia; e como Paulo percorreu AC em 9 horas, segue-se que Pedro percorreu este mesmo caminho em $\frac{2}{3} \times 9 = 6$. Logo, a distancia AB foi percorrida por Pedro em 10 horas.

Paulo precisou, para andar BC, $\frac{3}{2}$ do tempo que Pedro empregou para andar esta distancia; e como Pedro andou BC em 4 horas, segue-se que Paulo precisou $\frac{3}{2} \times 4 = 6$. Paulo percorreu, pois, a distancia AB em 15 horas.

Não sei se o *illustre epistolographo* ficará satisfeito com esta solução. Muito desejavamos sabel-o, pois teriamos de pedir a demissão dos nossos logares de professor, se fossemos tão ignorantes como o nosso distincto critico nos suppoz. Apostariamos como s. ex.ª não se dignaria pôr o seu nome por baixo do que escreveu, assim como o faz o seu *humilde admirador*

Moraes d'Almeida.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Dá vida mas não é boa, faz soffrer e tem navios—1—1—1.

Olhei para esta mulher e achei uma cidade—1—2.

No navio não matou mas contou—1—3.

Faro. Augusto Tavares.

E' fortificação, está claro, este appellido—3—2.

Não é boa mas alegre, clara e vê-se no Chiado—1—1—2.

Evora. J. P. L. T.

Este rio no monte suja—1—2.

O oceano é serio na Allemanha—1—2.

Na musica, no jogo e nos exercitos—1—2.

Porto. J. C. Vasques.

ELECTRICAS

A' direitas e ás avêssas todos temos—2.

A's direitas adverbio e ás avêssas come-se—2.

A's direitas nome de mulher e ás avêssas animal—2.

Geribeco & C.ª

A's direitas na mulher e ás avêssas é destro—2.

Porto. J. B. Pinheiro.

EM VERSO

Sou instrumento cirurgico—2
A' vida podem dar fim—2
Os olhos da minha *Ella*
Palavrinha, são assim!

Na musica—1
Na musica—1
Na musica—1
O conceito é appellido
De certo mui conhecido

D'um verbo sou a segunda—1
E, agora, vou apostar
Que todos, ou mais ou menos } —1
Trabalham p'ra me alcançar. }

Lá no campo
Foi nascido:
E' insecto
Conhecido.

MIGUEL TH. DOS SANTOS.

EM QUADRO

. . . . Divindade
. . . . Peixe
. . . . Peixe
. . . . Verbo

. . . . Na couve
. . . . No Evangelho
. . . . Na justiça
. . . . Animal

Porto. J. B. PINHEIRO.

ADIVINHA POPULAR

Letras me pozeram
Que nunca se lêem,
Diz que me calasse,
Eu nunca fallei:
Logo que me *calaram*
Meus dias acabei.

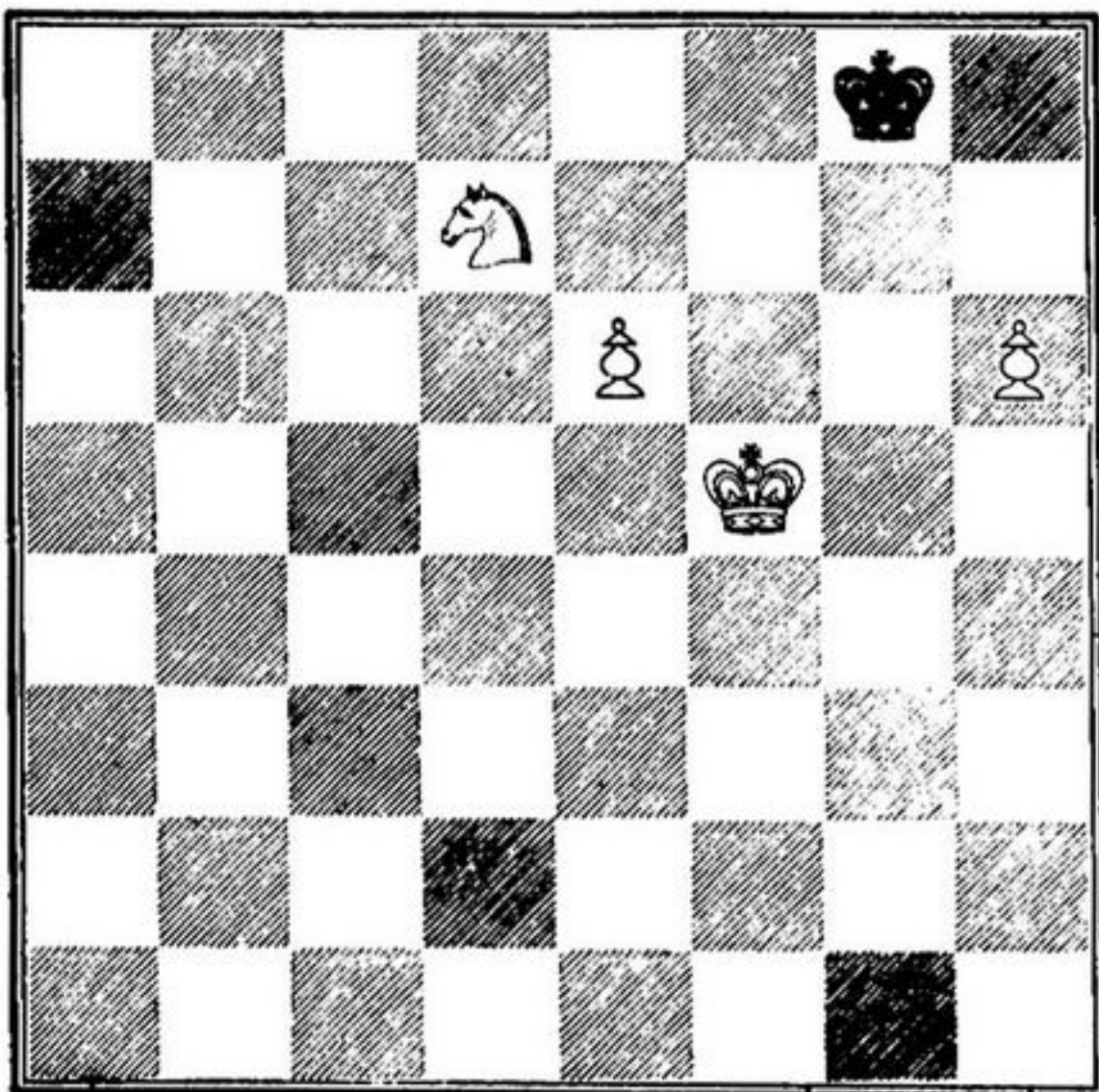
LOGOGRIPHO

E' animal—1.ª e 2.ª
E' animal—1.ª, 2.ª e 3.ª
E' animal—1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª

Monchique. J. ANTONIO DA CUNHA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 17

NEGROS

BRANCOS J. OOM.

Os brancos jogam e dão mate em cinco lances com o peão *coiffé* da torre do rei.

PROBLEMA

Tres mulheres vão ao mercado vender melancias. Maria vende 20 por dois preços, os mesmos pelos quaes Francisca vende 30 e Ambrosia 40. Recebem o mesmo dinheiro; pergunta-se: quaes são os preços?

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Olá.
2.ª—Marcha.
3.ª—Rosalia.
4.ª—Diario.
5.ª—Lagoa.
6.ª—Amorosa.
7.ª—Pelago
8.ª—Loanda.
9.ª—Agua-pé.
10.ª—Primavera.
11.ª—Pizador.
12.ª—Lavrador.
13.ª—Anna.
14.ª—Sopapos.
15.ª—Aba.
16.ª—Velloso.
17.ª—Capella.
18.ª—Desmaio.
19.ª—Heliotropia—Heliotropio.
16.ª—M e d o
e d o m
d o e a
o m a n

Do enigma:—Socos.
Do logographo:—Michela.
Xadrez—Solução do 16.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. C. 4 R.	1. P. 6 T. R.
2. C. 6 D.	2. P. toma P.
3. C. 8 R.	3. P. toma T. e faz D.
4. C. 7 B. D. (cheque e mate)	

Do problema:

11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

A RIR

O doutor X... dizia hontem a uma das suas clientes, que imagina ter todas as enfermidades e que o incommoda a cada passo, pela mais ligeira insignificancia:

—Ah! minha senhora, que saude lhe é necessaria para supportar tantas doenças!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

LIMPEZA DAS VAZILHAS QUE TENHAM CHEIRO A MOFO

Para tirar ás vazilhas o mau cheiro a mofo, tão communicativo ao vinho, recommendamos a seguinte receita:

Introduzem-se, na vazilha que se quer limpar, as substancias seguintes:

Sal de cosinha.........	40	grammas
Bioxydo de manganez..	40	»
Acido sulphurico.....	50	»
Agua quente.........	2:000	»

Tapa-se a vazilha, agita-se fortemente e deixa-se em repouso durante seis horas.

O chloro que se desprende, em virtude da acção do acido sulphurico sobre o sal (chlorureto de sodio), destroe todas as materias fétidas que a vazilha contenha.

Juntam-se em seguida oito ou dez litros de agua quente, revolve-se a vazilha em todos os sentidos, despeja-se e lava-se depois com agua pura.

Senão desappareceu o mau cheiro, repete-se a receita.

AS NOSSAS GRAVURAS

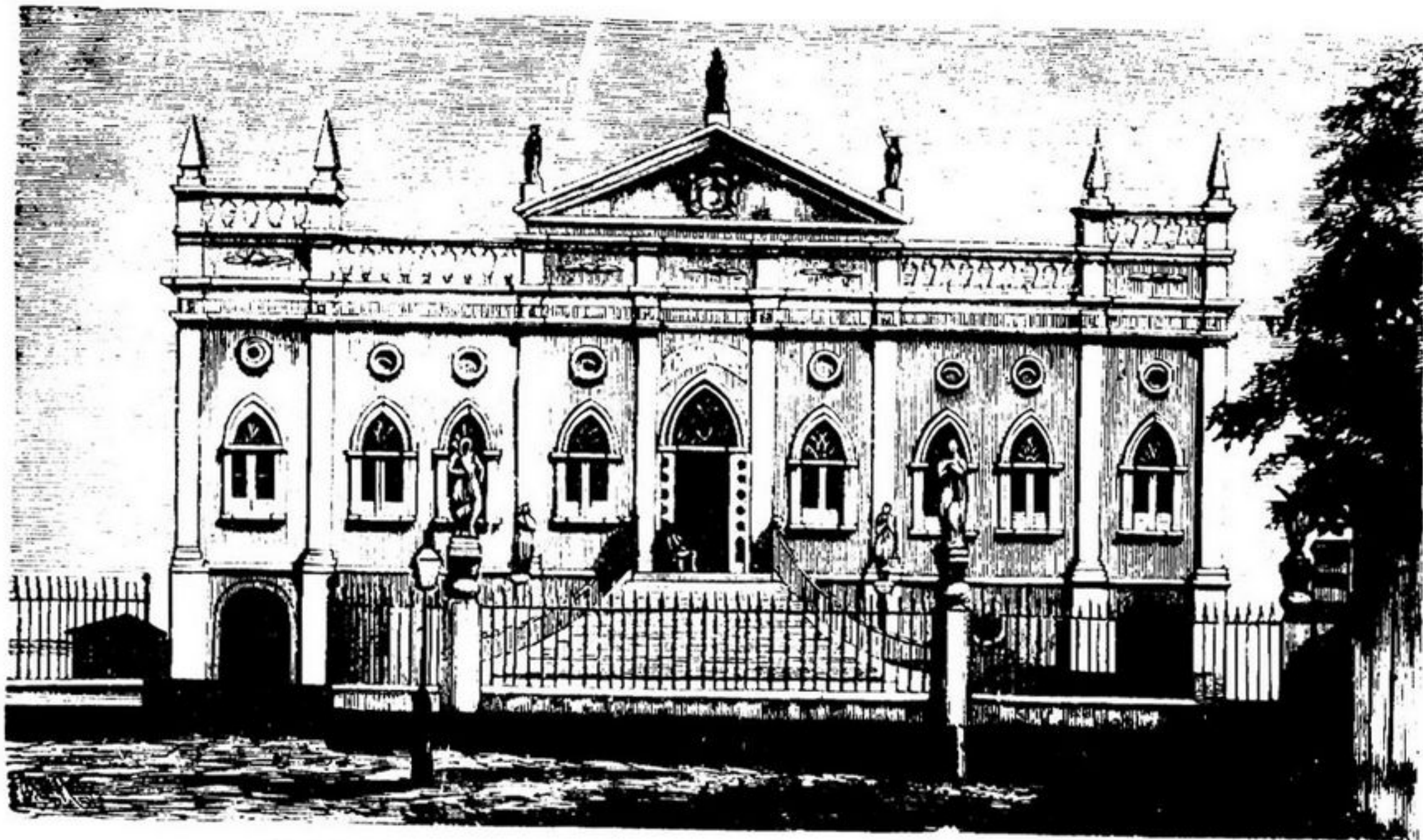
Á SOMBRA DAS OLAIAS

O ar embalsamado que ali se respira, á sombra das olaias do bosque, é o melhor remedio para curar de todo aquella pallida convalescente desconfortada.

Uma réstea de sol vivificador, duas caricias da briza folgazã e alguns sorrisos meigos da prole doidejante valem mais que todas as panacêas inventadas pela sciencia para flagello da humanidade e para fortuna dos boticarios.

Depois, a doença não foi grave; é d'aquellas que se extinguem depressa... experimentam-n'a todas as mães, e encarregam-se de cural-as, com beijos, os proprios filhos que as originaram.

ENLEVOS DE MÃE

Aquelle livro que ella tem na mão é um accessorio superfluo. O seu olhar doce e languido não vae cravar-se nas paginas banaes do volume, um romance de Ponson du Terrail, talvez, ou coisa que o valha. Ha outras paginas mais attrahentes a provocarem-lhe a attenção—as paginas da sua vida de noiva, toda amor e perfumes, conglobadas n'um pequenino rosto d'anjo que a fascina do berço.

Essa risonha miniatura é o seu enlevo; o sorriso meigo do *bébé* dormente a sua leitura predilecta. Se alguma vez a tristeza lhe invade a alma, soletra nos labios do filhinho sorridente a palavra felicidade e isso lhe basta para se reputar ditosa.

UM SAPATEIRO DE ESCADA

Um typo.

Pela semana adiante remenda os borzeguins da clientela, recrutada entre os aguadeiros e a criadagem masculina do sitio.

Ao domingo vae para as Hortas, e ás segundas feiras não se acha em estado de deitar tombas, porque entrou de mais, na vespera, pelo sumo da uva.

Tem uma lingua viperiana contra os escandalos da visinhança, e discute politica, de quando em quando, com o merceeiro da esquina.

No fim de tudo vive feliz.

NOS PYRENEOS—A CHEGADA DA DILIGENCIA

Veem como sardinha em tigela, acotovelados n'uma tipoia desconfortavel onde passaram a noite inteira, moidos, somnolentos, sujos, ouvindo as pragas d'um cocheiro brutal e avinhado.

Ha, porém, lá dentro da diligencia, um *elle* e uma *ella* que não desgostariam de jornadear por mais algumas horas, muito aconchegadinhos um com o outro, segredando coisas bonitas, promessas côr de rosa...

Estamos d'aqui a vel-os. Espreitam ambos, pelos vidros da frente, o aspecto da povoação.

O que elles não diriam e fariam alta noite, pela estrada fóra, apertados na estreiteza incommoda do vehiculo, protegidos pela escuridão do ceu e pelo somno dos companheiros de viagem!...

Um idyllio!

HOSPITAL PORTUGUEZ EM S. LUIZ DO MARANHÃO

E' uma das mais excellentes qualidades porque se distinguem os nossos irmãos, que vivem longe da patria, é o patriotismo, é o amor cego a tudo quanto é de Portugal.

Não ha monumento, empreza util ou subscripção que se levante aqui no reino, a que não acudam elles do Brasil com grossas sommas.

Dentro mesmo do imperio brasileiro auxiliam-se mutuamente, procurando desenvolver as suas faculdades intellectuaes por meio de associações litterarias, de cursos nocturnos gratuitos em que acham variada instrucção, dos bem sortidos e fortes gabinetes de leitura, etc.

HOSPITAL PORTUGUEZ EM S. LUIZ DO MARANHÃO

Além d'essas uteis instituições, em todas as cidades importantes do Brasil teem um hospital, onde recolhem os compatriotas desvalidos.

Representa hoje a nossa gravura o hospital portuguez da cidade de S. Luiz do Maranhão. Este soberbo edificio, que tem suas parecenças com o Museu de Coimbra, foi feito por iniciativa e esforços dos srs. José Manuel Vinhaes e José Maria Corrêa de Frias, nossos compatriotas e distinctos membros da Real Sociedade 1.º de Dezembro d'aquella cidade.

Está situado este importante estabelecimento em um dos bairros mais saudaveis e pittorescos da cidade, no meio de uma extensa quinta, de sua propriedade e que tem bom pomar e jardins, onde os convalescentes espairecem e se recreiam.

O edificio é vasto, circumdado de galerias *(varandas)*; portanto accommodado ao clima.

E' esse hospital, sobre tudo, modelo no serviço medico e de enfermaria, no aceio, na boa alimentação; sendo tudo isso inspeccionado por dois directores da Sociedade, que alli residem semanalmente.

No dia 1.º de dezembro, para commemorarem o nosso grande dia nacional, abrem-se aos visitantes as portas d'esse hospital adereçado de galas. N'essa noite apresenta elle vistosa illuminação e ha nas suas salas concerto musical, a que concorrem as bellas maranhenses, tocando e cantando, para assim se tornar mais concorrido o bazar da caridade para o qual tambem contribuem ellas e a maioria da população com brindes, de cuja venda o producto reverte em beneficio do estabelecimento.

D.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa